



2018/09/15

## O impasse norte coreano

*Alexandre Reis Rodrigues*

Enquanto se aguarda a decisão de Trump sobre o convite de Kim Jong Un para um novo encontro, o Presidente Moon da Coreia do Sul deslocar-se-á a Pyongyang dentro de dias para uma nova cimeira com Kim Jong Un. Será a terceira neste ano. É, no entanto, apenas mais uma tentativa de saída do impasse em que a questão coreana caiu. Ainda não pode ser associada à ideia de que se possa estar a progredir no sentido da desnuclearização da Coreia do Norte.



Esse continua como um objetivo distante, senão irrealista. Não obstante as declarações do líder norte coreano, reafirmando a sua vontade de colaborar com a Coreia do Sul e com os EUA e confirmando a disponibilidade para a desnuclearização até 2021, Pyongyang continua a não documentar a vontade de cumprir as suas promessas. E se não o faz agora, isso significa - para muitos analistas - ser improvável que algum dia o venha a fazer.

A dificuldade central, neste momento, é a falta de qualquer entendimento sobre prioridades. Para os EUA - se Trump não alterar de forma imprevista a postura estabelecida - não haverá qualquer concessão sem prévios passos concretos da Coreia do Norte no sentido da desnuclearização. Para Pyongyang, antes da desnuclearização, deve vir um acordo de paz que substitua o armistício de 1953. É um objetivo central para Pyongyang, como garantia legal de sobrevivência do regime perante os que não o reconhecem e apenas esperam que venha a colapsar, para a unificação das Coreias poder então avançar.

Para o Presidente Moon uma declaração de paz, a acordar, eventualmente, durante a próxima Assembleia Geral das Nações Unidas (que se inicia a 18 de setembro) seria um passo positivo, embora esteja longe de ser consensual na Coreia do Sul, entre centristas, conservadores e opinião pública em geral. Não é, também, um passo alinhado com a linha tradicional que os EUA têm seguido. Acabaria com as esperanças de unificação e retiraria sentido à presença americana.<sup>1</sup> Por outras palavras, só beneficiaria o Norte.

Que se poderá esperar, então? Talvez, não mais do que algumas pequenas concessões da parte coreana, no campo das limitações do seu arsenal nuclear e de mísseis balísticos, contra um alívio das sanções ou fornecimento de ajuda. Para o curto e médio prazo, é difícil encontrar alguém que acredite que a Coreia do Norte venha a desistir algum dia do seu arsenal nuclear. Trump é cada vez mais o único a confiar que vai obter o que os seus antecessores não conseguiram, mas as bases da sua convicção parecem assentar mais nas suas convicções de que é diferente dos

---

<sup>1</sup> São cerca de 24.000 efetivos, presentemente. No Japão, são 39.000.

outros do que em sinais concretos de que Kim Jon Un está a ser sério nas promessas que tem feito.

O líder coreano tenta passar a ideia de que já fez concessões que cheguem, ao suspender a realização de testes nucleares e de mísseis balísticos a que acrescenta alguns passos a mostrar boa vontade, mas sem qualquer peso para as negociações (permitindo reuniões familiares, libertando prisioneiros, entregando restos mortais de soldados americanos mortos na guerra da Coreia, etc.).

Passou a evitar chamar a atenção para o seu arsenal nuclear e mísseis balísticos, indo ao ponto de - ao contrário do habitual - não os ter incluído na parada militar comemorativa dos 70 anos da República Democrática Popular da Coreia, no passado dia 9 de setembro. Fica a dúvida se Kim Jong Un decidiu assim para não prejudicar o clima de negociações com os EUA ou se está apenas a fazer exatamente o que se espera de uma potência recém-chegada ao "clube nuclear". Nada mais tendo a demonstrar para ser reconhecida como tal, pode dar-se ao luxo de ser discreta para não agitar o ambiente internacional.

Que fará Trump em relação ao convite para uma nova cimeira, depois de cancelar uma deslocação do seu secretário de Estado, sob a alegação de falta de qualquer progresso? Vai aceitar um novo encontro com Kim Jong Un sem que nada de substantivo tenha ocorrido, entretanto? Se concluir que uma recusa pode quebrar o momento diplomático aberto pela Cimeira de Singapura, calcula-se que tenderá a aceitar.

É o desfecho que melhor se insere na postura que tem privilegiado e que o tem levado a contrariar os seus colaboradores diretos, nomeadamente: a. O secretário da Defesa, ao insistir na suspensão dos exercícios militares<sup>2</sup> (Mattis tinha dito que não tinha qualquer plano para suspender futuros exercícios) e ao agradecer a Kim Jong Un a entrega dos restos mortais de 55 soldados americanos que morreram na Guerra da Coreia<sup>3</sup> (enquanto Mattis lembrou que, na verdade ninguém sabia o que teria sido colocado nas 55 caixas entregues); b. O secretário de Estado, quando declara que a Coreia do Norte deixou de constituir uma ameaça (Pompeo diz que a ameaça foi apenas reduzida, não foi eliminada porque a Coreia do Norte continua ativa na construção do arsenal nuclear); c. O seu conselheiro de Segurança, John Bolton, que tem recusado, sistematicamente, qualquer ideia de concessões.

Teremos que esperar para ver em que resulta o caminho que Trump escolheu. Se faz ou não sentido depende dos objetivos que tenta atingir. Se é conseguir que Kim Jong Un reverta a decisão de ter um arsenal nuclear, não faz sentido algum. Para esse fim teria que seguir a linha que os seus conselheiros mais próximos advogam, isto é, continuar a fazer pressão. Se é apenas para desanuviar o clima de tensão pré-Singapura pode fazer sentido, mas corresponde, paralelamente, a desistir do objetivo de sempre: impedir à Coreia do Norte o estatuto de potência nuclear.

---

<sup>2</sup> Trump não exclui voltar à realização de exercícios se não reconhecer progressos nas conversações com a Coreia do Norte mas já suspendeu o exercício *Freedom Guardian*, que, no ano passado, envolveu 27.000 efetivos americanos durante duas semanas. Os próximos realizam-se tradicionalmente na Primavera — *Foal Eagle e Max Thunder*.

<sup>3</sup> Morreram, no total, quase 34.000.